

Problemas no serviço da dívida

por Ângela Bittencourt
de São Paulo

Com a alta da taxa de juros para clientes preferenciais dos bancos norte-americanos ("prime rate") — que apenas na semana passada subiu meio ponto, estacionando nos 12% —, o Brasil dificilmente conseguirá cobrir o serviço de sua dívida externa, segundo Friedrich Wagner, vice-presidente do Banco de Boston, presente ontem no encontro de diretores de área externa de bancos brasileiros e representan-

tes de bancos estrangeiros patrocinado pela Associação de Bancos do Estado de São Paulo.

De acordo com Wagner, a alta de meio ponto na "prime", que corresponde a um acréscimo de US\$ 450 milhões no serviço da dívida externa brasileira apressa uma renegociação a prazos mais longos. O vice-presidente do Banco de Boston, porém, acredita que esta solução mais duradoura será possível apenas após a eleição do próximo presidente brasileiro.

"A discussão da dívida

passa a ser meramente política, e o fato deste ser um ano eleitoral aqui no Brasil aparentemente pode dificultar a negociação em prazos mais longos. Embora os credores também estejam empenhados em encontrar uma solução global para a dívida brasileira, neste momento nada se resolve, porque, por enquanto, não existe liderança política. Em resumo, não há com quem conversar", ponderou.

O ideal, segundo Wagner, seria tentar criar condi-

ções para que as economias voltem a crescer e possam ter perspectivas de reduzir seu endividamento. Para o vice-presidente do Banco de Boston, nada indica que a "prime" poderá voltar à faixa de 20% como há alguns anos, apesar de a maioria dos economistas acreditar que, de modo geral, as taxas de juros sobre o dólar estejam em alta.

ANO ELEITORAL

Wagner observou que a pressão de alta é bastante clara. Para ele, o fato de este também ser um ano eleitoral nos Estados Unidos torna a situação muito delicada. "Ao governo norte-americano interessa uma taxa mais baixa de juros", acrescentou, "mas a missão do Federal Reserve Board (o banco central dos EUA) é preservar o valor da moeda. A economia norte-americana tem registrado uma aceleração nos últimos meses e consequente alta no índice de inflação. Portanto, a alta nas taxas de juros pode ser encarada como uma tentativa de desaquecer um pouquinho a economia como um caminho para conter a inflação."

O déficit público norte-americano que contribui de forma expressiva para a aceleração dos juros — uma vez que os bancos privados são forçados a elevar as taxas de remuneração de seus títulos para competir com os títulos federais, que são despejados no mercado financeiro para rolar este déficit — somente poderá ter algum tipo de controle depois da eleição do novo governo, diz Wagner.